

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, NOVEMBRO/2008 - ANO XII - Nº 141

Foto arquivo Pro-Memória

EDITORIAL

No último dia 5 de outubro comemoramos os 20 anos da promulgação da Constituição Federal. A atual Carta Magna brasileira marcou a redemocratização do país e substituiu a que havia sido imposta pelo regime militar, em 1967. É o resultado do sonho de milhões de brasileiros que elegeram, em 1986, 559 parlamentares para a função de elaborá-la. Empossados em fevereiro de 1987, esses constituintes trabalharam um ano e oito meses, e o resultado trouxe muitas alterações no dia-a-dia da população.

Essa nova Constituição não apenas marcou o término de um regime de exceção, como simbolizou o desejo de mudanças em favor de mais equilíbrio em todas as vertentes do país – sociais, políticas, econômicas e institucionais.

A Constituição de 1988 trouxe “grandes conquistas”, como a responsabilização dos agentes públicos por má administração e a universalização de direitos individuais; determinou a redução da jornada de trabalho de 48 para 44 horas semanais; instituiu a obrigatoriedade da defensoria pública e atribuiu maior poder para o Ministério Público, favorecendo o combate à corrupção e à proteção ao meio ambiente. Também transformou em crime inafiançável o racismo, estabeleceu o salário mínimo como o menor valor para aposentadorias e estabeleceu a obrigação do Estado a garantir saúde e seguridade social a todos os brasileiros. Por tudo isso e muito mais foi que o deputado Ulisses Guimarães a denominou “Constituição Cidadã”.

À época de sua elaboração, não faltou quem lhe vaticinasse vida curta. Equivocaram-se. Fato é que ela está com 20 anos e presente no nosso dia-a-dia. A sociedade brasileira não é mais a mesma da década de 1980: aumentou a consciência crítica sobre o país, os governos e, principalmente, sobre seus direitos fundamentais assegurados pela Constituição. Isso é, certamente, motivo de comemoração!



O crescimento e o desenvolvimento das cidades deve-se, em grande parte, ao trabalho transparente e ético dos vereadores, aliado à fiscalização eficaz dos atos do Poder Executivo. Ao povo, cabe cobrar eficiência de seus representantes.

Parabéns aos bons vereadores!

A Lei federal nº 7212/84 instituiu o dia 1º de outubro como o “Dia do Vereador”, a ser lembrado em todo o território nacional. Procurou valorizar aquele que faz parte de nossa história, que ajudou a construir as bases da democracia.

As Câmaras Municipais nasceram com o Brasil. Os primeiros “vereadores” foram eleitos em 21 de janeiro de 1532, na Vila de São Vicente, por determinação de Martin Afonso de Souza, dono da capitania hereditária mais próspera do país, a de São Vicente, que implantou aquela que seria a primeira Casa Legislativa das Américas. Enraizada na vida dos moradores do Brasil Colônia, sobreviveu à Independência, à República e se fortaleceu com a democracia.

É importante que se saiba do papel do vereador. Ele é o representante do povo mais próximo dos governantes, e, por isso, portavoz das aspirações da sociedade. É o protagonista do sistema representativo e interlocutor junto ao prefeito. Seu papel é o de mostrar os problemas da comunidade e o de buscar providências junto aos órgãos competentes. Mas não é só isso. Cabe-lhe também a sagrada função de fiscalizar as contas do Poder Executivo Municipal e os atos do Prefeito, denunciando o que for ilegal ou imoral à população e aos órgãos competentes. Portanto, o vereador é o fiscal do dinheiro público. O vereador deve ser

independente, atuante, polêmico, e sempre ter a coragem de concordar com o que considerar certo e discordar do que julgar errado. Deve agir com conhecimento e desarmado de ódios ou rancores. Exatamente por ser um “fiscal do povo”, não deve atrelar-se a prefeitos ou a outras autoridades por meio de “favores”; caso contrário, sua função ficará deturpada.

É isso que a população deve observar e cobrar de seus representantes. Aliás, ela precisa frequentar as reuniões do Legislativo Municipal, para saber como estão se comportando os “representantes do povo”.

Hoje, mais do que nunca, é necessária a formação de consciência política, a fim de que exerçamos nossa cidadania. Todos devemos conhecer nossos direitos e deveres para conquistarmos uma convivência social, condizente com a dignidade da pessoa humana, além de cobrarmos seriedade e competência com a coisa pública.

Também é válido lembrar que, devido à estrutura social brasileira, do vereador é sempre cobrada a função de assistente social. Isso é um equívoco que vem de longe. São costumes coronelísticos que persistem como herança política da República Velha. Dos vereadores esperam-se maior compromisso com a ética e transparência no trabalho parlamentar.

Parabéns a todos os bons vereadores!

Imagem - Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Em 15 de outubro de 1948, por iniciativa do Departamento Educacional da FPV, comemorou-se, em grande estilo, pela primeira vez em Piquete, o Dia do Professor. Na foto, Gen. Waldemar B. Aquino, diretor da FPV, Cel. José Pompeu Monte, chefe do DAE, Luiz Vieira, prefeito municipal, professores José Éboli e Sinésio de Castro, diretores de ensino, professores e os representantes dos alunos, César D'Amico e Abigail Lea da Silva.

15 de outubro de 1948, uma data especial

Para marcar o Dia dos Professores, o Departamento Educacional da Fábrica Presidente Vargas promoveu, no dia 15 de outubro de 1948, um almoço de confraternização entre os professores do município. Pela primeira vez, em Piquete, os professores tiveram no calendário um dia para o justo reconhecimento de suas atividades na difícil missão de educar.

A iniciativa de se comemorar o dia do professor no Brasil partiu de uma associação docente católica do Rio de Janeiro, na década de 30. A partir de então, em vários estados brasileiros, aconteceram manifestações voltadas para esse fim. Em sua origem, essa celebração tinha unicamente caráter afetivo ao pretender criar uma oportunidade para que as pessoas demonstrassem reconhecimento a quem lhes ensinara a ler e escrever, geralmente relegado ao esquecimento e ao anonimato. Em 1948, o governador de São Paulo, Adhemar de Barros, por meio do Decreto Lei nº 174, de 13 de outubro, declarou feriado escolar "a data de 15 de outubro, considerada o Dia do Professor". Dois dias após a promulgação do Decreto, a diretoria da Fábrica, como sempre pioneira nas grandes realizações, através do Departamento Educacional realizou esse encontro, considerado a maior reunião de educadores e pessoas voltadas ao ensino até então ocorrida em nossa terra.

Esse almoço teve início às 12h e ocorreu num amplo salão do Departamento Educacional que se encontrava todo engalanado, e contou com a presença do Gen. Waldemar Brito de Aquino, diretor da F.P.V.; do Prof. José Pereira Éboli, Delegado Regional de Ensino; do Cel. José Pompeu Monte, Chefe do Departamento Educacional; do Prof.

Sinésio de Castro, Inspetor de Ensino Primário; do Cel. Almir Autran Franco de Sá; Luis Viera Soares, Prefeito de Piquete; Maj. Orlando da Costa Canário; Cap. Médico Otávio Tiburcio Ferreira; Prof. Melchiades Pereira Junior, Diretor do Grupo Escolar da Fábrica; Prof. Lutgardes de Oliveira, Diretor do Ginásio da Fábrica; Prof. Alexandre Ferreira Pedro Filho, Diretor da Grupo Escolar Antônio João; Prof. Laércio José de Azevedo, Diretor da Escola Agrícola; Prof. Leopoldo Marcondes de Moura Neto, Diretor da Escola Industrial Feminina; Prof. Professor Augusto Ribeiro de Souza, Diretor da Escola Industrial Masculina e de todo o professorado de Piquete.

No transcurso dessa homenagem fez uso da palavra o Coronel José Pompeu Monte, que enalteceu a importância do trabalho do professor na formação do aluno. Ressaltou que o crescimento industrial por que passava o país necessitava de investimento muito grande, visando tanto ao desenvolvimento de equipamentos, quanto à capacitação técnica do operariado. Essa era uma preocupação da FPV que, através de sua política educacional, vinha investindo havia algum tempo na formação integral dos jovens de Piquete. Para tanto, criou e mantinha o Departamento de Assistência Educacional da Fábrica, órgão responsável pelo gerenciamento do Jardim da Infância, das Escolas Industrial Masculina e Feminina, do Ginásio, do Aprendizado Agrícola e das atividades extra-classe enfileiradas no Círculo da Juventude de Piquete. Após o discurso do Diretor do DAE, a professora Alba de Oliveira fez a leitura da "Oração ao Mestre", discursando, em seguida, o Professor Augusto Ribeiro de Souza.

Naquele ambiente de conagração e elevação moral, fizeram uso da palavra vários alunos representantes das diversas escolas, que ressaltaram os feitos dos professores num profundo e sincero reconhecimento por tudo que vinham fazendo para elevar cada vez mais o nível cultural de nossa gente. Outros oradores se fizeram ouvir, dentre eles o professor Lutgardes de Oliveira, Miguel Kruse Médice e Alexandre F. Pedro, cujas palavras emocionaram os presentes, por isso muito cumprimentados. Antes de se ouvir o Hino Nacional, que assinalou o término daquele evento, falou o professor Éboli, que disse da satisfação de que estava tomado por todo aquele espetáculo de expressivo alcance social. Para encerrar, o General Waldemar Brito de Aquino discursou, dizendo do propósito do Departamento Educacional, agradecendo a presença de todos. Foi uma tarde memorável.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Cida Barbosa

Após muitos anos dedicados ao magistério, em 13 de maio de 1990 a professora Maria Aparecida Barbosa aposentou-se. Consciente da importância do trabalho voluntário, passou a se dedicar à Pastoral da Criança, a convite de Marlene Machado. A Pastoral é uma entidade filantrópica criada em 1983 pela CNBB para atuar nas áreas de saúde, nutrição e educação essencial para crianças menores de seis anos. Seus principais objetivos são o combate à mortalidade infantil e a melhoria da qualidade de vida familiar por meio de ações básicas como o apoio a gestantes, incentivo ao aleitamento materno, vigilância nutricional, alternativas alimentares, controle de doenças diarreicas, entre outros... Cida atuou nessa importante entidade por mais de dez anos, tendo sido líder e coordenadora.

O voluntariado, Cida já exercitava, uma vez que, havia muito tempo, trabalhava na Rede Feminina de Combate ao Câncer.

Essa piquetense nasceu no bairro da Vila Esperança, à Rua Capitão José de Brito, nº 73, onde reside até hoje, em 11 de julho de 1942. Aos 6 anos foi matriculada no Jardim da Infância mantido pelo Departamento de Assistência Educacional da FPV, tendo sido aluna de dona Almerinda do Vale e Eurídice Galli. Matriculada no Curso de Aplicação Duque de Caxias, foi alfabetizada pela professora Jecy Junqueira. Kursou o Ginásio Diurno da FPV e a Escola Normal Livre Duque de Caxias. Da Escola Normal guarda boas recordações: do diretor, professor Leopoldo Marcondes de Moura Netto, das aulas de Prática de Ensino ministradas pela professora Ricarda Godoy, das excelentes aulas da professora Abigail Lea da Silva e do professor de Matemática Dito de Paula, paraninfo de sua turma... Formada, lecionou pela primeira vez na Escola Professor Darwin Félix, cuja diretora, à época, era Maria Júlia. Após três anos nessa tradicional escola de Piquete, foi lecionar em Formoso (São José



do Barreiro), a convite da diretora Ruth Brasil – Cida precisava aumentar o número de pontos em seu currículo. Com ela foram as amigas Ia (Maria Aparecida), Paulina e, mais tarde, Darticléa Amaral. Prestou concurso. Aprovada, escolheu cadeira na Escola Mista da Fazenda Bela Vista, em Bananal/SP. Pouco tempo depois, comissionada para o Departamento Educacional da FPV a convite do professor Leopoldo, passou a lecionar no curso de Aplicação Duque de Caxias, onde havia feito o primário. Lá permaneceu por cinco anos, transferindo-se para a Escola Mista do Benfica.

Cursou, nos anos 70, as faculdades de Pedagogia e Estudos Sociais. Por cinco anos deu aulas no Ginásio. Sua verdadeira paixão, porém, era pelas crianças. Retomou, então, as turmas do primário... Sua aposentadoria foi no grupo Guimarães Rosa.

Cida Barbosa guarda inúmeras recordações do Piquete dos anos 60 e 70, dos bailes de gala e do Carnaval do Clube Comercial, na Praça da Bandeira; dos finais de tarde e noites, quando as famílias se reuniam na “Pracinha do Cinema”, dos filmes do Cine Estrela, da pipoca do seu Geraldo, e da prática de dar voltas na Pracinha, aos domingos...

Cida Barbosa é, atualmente, membro da APAP (Associação dos Professores Aposentados de Piquete) e representante do professorado piquetense junto à APEOESP.

A Constituição Cidadã

Há 20 anos, no dia 05 de outubro de 1988, a atual Constituição brasileira – lei máxima do país – foi promulgada. Conhecida como Constituição Cidadã, ela diz que todos os brasileiros têm assegurados direitos básicos: salário decente, casa, comida, escola, transporte, segurança e meio ambiente ecologicamente equilibrado. Nenhum governo deu de presente esses direitos; milhares de pessoas precisaram batalhar muito para colocar por escrito o que antes era apenas sonho. Agora, é preciso transformar as palavras da lei em ações concretas do poder público. Há um grupo de pessoas que defende seus privilégios, acumulados há muito tempo. Há também um grupo de iludidos, que pensam que, apoiando a elite privilegiada, um dia entrarão para o círculo.

Diante disso, há a necessidade de que cada um conheça seus principais direitos. Quando um direito é desrespeitado, isso não é só um problema desse alguém, mas de todos.

Além de se conhecer os legítimos direitos, naturais ou adquiridos, é preciso participar das decisões do governo sobre os direitos dos cidadãos, fortalecendo, assim, com participação popular, os conselhos de Educação, Saúde, Meio Ambiente, Defesa da Criança e do Adolescente, Moradia e Transporte. Além disso, é justo poder controlar e fiscalizar as ações da Administração Pública e o uso das verbas públicas, acompanhando a elaboração do Orçamento Municipal e sua aplicação.

Aos poucos, o povo se organiza e cresce a consciência cidadã. Surgem movimentos reivindicadores – uns mais, outros menos estruturados, mas nem por isso ilegítimos. O Brasil de hoje é muito diferente do de 20 anos atrás; disso ninguém duvida; e deve ficar ainda melhor quando passarmos a exercer a cidadania, participando do dia a dia da sociedade.

Eleições municipais

As eleições municipais ocorreram em **05 de outubro**. Em Piquete, houve reeleição do prefeito atual, que se encaminha para o terceiro mandato no município. Na Câmara Municipal, quatro dos nove vereadores foram reeleitos.

Total de votantes: 9.207

Prefeito Municipal:

Otacílio R. da Silva - 5.685 votos

Vereadores:

Hugo Ricardo Soares 393 votos

Betinho do Quilombo 224 votos

Fátima do Cariri 180 votos

Claudinei da Delegacia.... 177 votos

Gato 177 votos

Lucinho Peru 173 votos

Claudinei do Jornal 168 votos

Mário 168 votos

Rubinho Pedreiro 164 votos

Professora Cida Barbosa e alunos do 4º ano misto em 14/12/1963, sua primeira turma de primário, na Escola Darwin Félix.



Memorial dos Moradores de Piquete - 26

O artesão Djalma

Contribuição e achegas ao belo trabalho já publicado pelo O ESTAFETA, no número 14, de setembro de 2008, sobre o amigo Djalma.

Admiradora de Djalma em seu trabalho, já havia escrito esta crônica, produto de várias conversas que tive com ele, quando, para minha surpresa, nosso periódico mostrou-o entrevistado na coluna “Gente da Cidade”. Em nome da sincronicidade definida por Jung para explicar que não há coincidências, deixo aqui meu depoimento.

O Sr. Djalma da Silva, exímio artesão de calçados, passa os dias exercendo o seu ofício junto à banca de trabalho. Assim, envolvido em sua arte, de manhãzinha até a noite, recebe os clientes, comenta o necessário, troca idéias, orienta sobre a natureza dos materiais e o comércio dos calçados, e explica sobre o engano a que os consumidores, muitas vezes, são levados ao comprar couro sintético pelo natural, com as conseqüências daí provocadas. Alerta sobre os solados, os quais, para melhor arranjo quando desgastados, devem ser trocados e não apenas remendados. Comenta que os solados de borracha apodrecem quando guardados sem uso por muito tempo.

Conversei com ele numa primeira entrevista, a 25 de agosto de 2008. Enquanto falava, ele continuava o trabalho de ajustar solas, cortar rebarbas, pintar e polir seus materiais, sempre atento ao caprichado trabalho manual. Explicou-me sobre as diferenças de couros e outros materiais.

Admiro esse homem cheio de energia, inteligência, vontade e dedicação no elaborado e paciente trabalho. As mãos, precisas ao tocar o objeto.

Perguntei-lhe sobre a vida pessoal e familiar. A expressão inteligente e sensível iluminou-se. Disse-me que nasceu a 26 de janeiro de 1941, em Piquete, na casa de moradia da família. Aliás, disse-me, “sou piqueteiro”, revelando orgulho e entusiasmo nesta resposta.

Contou-me, emocionado, que se casou com dona Maria Aparecida da Silva, e que tem três filhos, Marcelo, Djalminha e Mazilda, todos com famílias constituídas, que lhes concederam 9 netos, sendo de Marcelo, 5 filhos, de Djalminha 1, e de Mazilda, 3.

Perguntei-lhe sobre a escolaridade. Olhos iluminados, revelou-me ter sido aluno do Grupo Escolar Antônio João, nossa mais tradicional escola, onde teve aulas com a professora Maria do Carmo Amaral Paschoal e com dona Terezinha, de quem não lembrou o sobrenome, mas, que “ela era de Lorena”. Ambas professoras muito “bravas”, ou seja, exigentes. As exigências visavam manter os

alunos atenciosos e produtivos. Os próprios pais apreciavam os professores exigentes porque ensinavam bem. Se para os alunos isso implicava em algum sofrimento, justificavam-se as intenções derivadas dos

Mas, continua o Sr Djalma, no brilho dos olhos azuis realçados no rosto corado, falando com brejeirice, que a professora dona Maria do Carmo dele gostava, pois o achava “bonitinho”.

Afirmou que ainda não completou o curso primário. Parou no 3º ano. Foi trabalhar com o irmão, em uma sapataria, na qual iniciou a aprendizagem do ofício. E que depois que o irmão encerrou essa atividade e foi trabalhar na Escola Agrícola, ele, Djalma, passou a trabalhar no DAM, pertencente à Fábrica de Pólvora, onde se produziam calçados escolares e botinas de trabalho operário. Aí ficou por dois anos, ao final dos quais constava de uma lista para contratação definitiva na Fábrica, mas acabou sendo dispensado não sabe por quê. E que,

portanto passou, então, a trabalhar por conta própria e foi sempre aprimorando a arte.

Djalma queixa-se, conformado, das incidências do vitiligo e da psoríase. Desta última livrou-se, não sem trabalho. Consultou um dermatologista, em São Paulo, que lhe receitou Novocaína, a qual tomava e sofria, sem resolver o problema. Optou, por um tratamento, digamos, menos convencional. Disse ter usado a “terrinhã amarela” do barranco ao lado, para, misturada à água, formar uma “espécie de lama” aplicada à pele que, finalmente, o curou.

Alegou que a pressão alta o incomoda, mas não o impede do labor.

Do vitiligo, brincando, mostra as descolorações dos pigmentos da pele e aparenta aceitá-lo sem muito aborrecimento. Diverte-se com o trocadilho “nem te ligo”. No capítulo festas, perguntei-lhe se freqüentara bailes na juventude. Disse-me que só gostava do Carnaval.

Este artesão incansável, pois não interrompe o trabalho enquanto fala, deixa os sapatos como novos. É exímio conhecedor da arte de recuperar calçados e torná-los mais belos do que quando obtidos nas lojas. Tenho várias provas pessoais do que afirmo. O acabamento primoroso valoriza a posse e o possuidor. Conversei com ele nos finais dos dias, várias vezes. Às 19h30min não se dizia cansado, expressando alegria em trabalhar. Cultivador da fina arte de aparar arestas, dar brilho e renovar sandálias cansadas e tênis de longos pe-cursos e agitações com solados deslocados, Djalma é, para nós piquetenses, um contrerrâneo exemplar e um mestre em sua arte.

Dóli de Castro Ferreira



princípios da Escola Nova “risonha e franca”. Tempos interligados aos ideais da Reforma Capanema, do ensino rigoroso e da disciplina bem controlada. Pois se assim não fora, o aluno não aprenderia; mas, se atento fosse, guardaria uma sólida preparação para a vida. Era esse o argumento e a justificativa para as “cobranças”. Essa foi a metodologia geratriz da Escola Nova, que teve em Fernando de Azevedo um dos principais mentores.

A propósito destas colocações, seria interessante lembrar como o Departamento Educacional da Fábrica Presidente Vargas e as escolas públicas em Piquete foram bafejados pelas disposições legais da Reforma Capanema em sua preocupação de mente sã em corpo são, numa juventude e numa infância bem preparadas para a vida e o trabalho. Enfim, numa sociedade ditada pelas normas totalitárias do Estado forte e centralizador. A disciplina hierarquizada a ser rigorosamente mantida.

Depois, novos ventos sopraram em nome da liberdade amplificada. Vieram as idéias da famosa teoria educacional Summerhill, da Escola Californiana dos Estados Unidos, voltadas à liberdade e à liberação, teoria que os pais foram, com as escolas, aceitando e incorporando, iluminados pelos meios de comunicações em geral.

Hoje, os resultados estão sendo discutidos, pois, afinal, nada é definitivo. Pesquisas do IBGE dão conta de que 84,5% das crianças que não sabem ler estão na escola e de que já existem professores defendendo punições, até severas, aos alunos, tal o ponto que a falta de controle atingiu.

Os diagnósticos são feitos para ser avaliados. Que futuro queremos? Que direção tomar?

1906-1908

Na trajetória republicana, a Fábrica de Pólvora em Piquete

Chegava ao fim o governo do presidente Rodrigues Alves.

O ano era 1906. Em seu diário íntimo, ele demonstra o isolamento crescente no qual mergulhara. O meio político o abandonara, mas contava com o apoio do povo.

Hermes da Fonseca articulava o Exército.

Entre os “amigos” que, na primeira República, eram representativos dos correligionários ou companheiros políticos, estava Arnolfo de Azevedo, de Lorena, deputado que articulava entre os chefes locais dessa cidade a instalação da Fábrica de Pólvora em Piquete.

O Dr Arnolfo Rodrigues de Azevedo (1868-1942) foi vereador, Intendente e Presidente da Câmara Municipal de Lorena; depois, deputado federal, membro da Comissão de Justiça (1910-1920) e presidente da Câmara dos deputados federais, de 1921 a 1926. De 1927 até 24 de outubro de 1930 exerceu o mandato de Senador da República, como um dos representantes do Estado de São Paulo.

Foi no período em que exercia o cargo de presidente da Câmara Federal que o Dr Arnolfo de Azevedo conseguiu verba orçamentária para a construção e instalação do ramal ferroviário Lorena - Piquete e a instalação permanente, na cidade de Lorena, do 5º BIL. Articulava-se o político lorenense com Rodrigues Alves, de Guaratinguetá, na instalação da Fábrica de Pólvoras em Piquete, sendo apoiados pelo Barão da Bocaina e fazendeiros dispostos a vender suas propriedades para a instalação do citado estabelecimento fabril-bélico. Antigas fazendas de produção de café, já superadas por novas frentes produtivas, deslocando-se para o norte e o oeste do Estado.

O fim do governo Rodrigues Alves, entre as principais providências, priorizava os investimentos nas instalações de Piquete.

Em 18 de outubro de 1906, Rodrigues Alves deixou definitivamente o palácio do Catete. A 3 de novembro ofereceu, nesse palácio, um banquete de despedida aos auxiliares mais próximos.

as ações deste governador e presidente como um estadista preocupado com a modernização do Exército e da Marinha. Consta ter ele incentivado a imigração a partir do lema “Governar é povoar”.

Procurou apoiar o incremento da produção cafeeira. Entre suas preocupações estavam o estímulo às atividades fabris e a melhoria das condições urbanas.

Teve como Ministro da Guerra o general Hermes Rodrigues da Fonseca, com o qual, em Piquete, inaugurou a Fábrica de Pólvora sem Fumaça, a 15 de março de 1909, cujo primeiro diretor foi o Tenente Coronel Achilles Velloso Pederneiras.

Afonso Pena, pressionado por desentendimentos políticos e agastado pelo poder, faleceu durante o mandato presidencial, a 15 de junho de 1909, tendo sido sucedido por Nilo Peçanha, o vice-presidente.

Considerado um republicano radical, Afonso Pena era sucedido por um político não ligado ao Exército, nem a um grande estado. Portanto, era considerado um perfil não dotado de especial autoridade política.

As eleições levaram ao governo, em 15 de novembro de 1910, o Marechal Hermes da Fonseca.

A Fábrica, em Piquete, seguia sua trajetória, já tendo dispensado os técnicos norte-americanos da Du Pont-Nemours, contratados no início da produção. Os militares mantiveram-se na gerência da produção.

Em 1º de fevereiro, segundo registro histórico do álbum comemorativo do primeiro cinquentenário (1959), os estudos de pólvora estavam definitivamente fixados quanto aos tipos a serem produzidos e comercializados.

Dóli de Castro Ferreira

Foto arquivo Pro-Memória



Chegada do trem a Piquete quando da inauguração do Ramal Ferroviário, em 15/09/1906

A 15 de novembro, seu governo se encerrava e foi empossado o sucessor Afonso Augusto Moreira Pena. Rodrigues Alves voltou para Guaratinguetá, onde foi recebido por uma multidão entusiasmada. No trem especial que o levou do Rio de Janeiro até à cidade natal era saudado nas estações com calorosas manifestações. O general Argolo o acompanhava.

Diz Afonso Arinos de Melo Franco, em obra biográfica sobre Rodrigues Alves que, enquanto o povo do Rio de Janeiro lhe oferecia calorosa manifestação de despedida, os deputados de São Paulo e os senadores portavam-se com indiferença. Novo poder e novo sistema articulavam-se.

O Dr. Afonso Augusto Moreira Pena tomou posse como presidente da República a 15 de novembro de 1906. Político mineiro, vinculado ao arranjo “café-com-leite”, sucedia a um paulista. Governador em seu Estado, notabilizou-se pela modernização dos equipamentos e atividades, e transferiu a capital de Vila Rica (Ouro Preto) para o Curral del Rei, onde foi implantada a cidade de Belo Horizonte. Seus biógrafos enfatizam

De amigos e amizade...

o prazer de se sentir útil...

Um amigo, quando distante, deixa saudade. Saudade, porém, só se sente do que é bom. Então, sentir saudade é bom... Não há nada mais gratificante do que reencontrar pessoas que não se vê há tempos e – como escreveu Vinícius – apesar de nada mais haver em comum, perceber que o prazer do reencontro minimizou os anos de separação. Amigos de infância, amigos de bancos escolares, amigos do boteco, amigos de trabalho, o melhor amigo... No fundo, são todos amigos.

Hoje, a internet vem proporcionando o reencontro de muitos amigos que, pelos mais diversos motivos, se separaram. Acredito que a oportunidade de retomar o contato deva ser aproveitada. Compromissos profissionais são sempre a desculpa para se adiar um reencontro. Será que vale a pena? Será que é impossível abrir uma brecha

na “agenda repleta” que muitos gostam de alardear? Todos temos obrigações e responsabilidades. O importante, porém, é priorizar nossa vida pessoal. Se ela não estiver bem, certamente não estaremos realizados no campo profissional.

Portanto, aproveitemos um dia com os amigos. Gastemos alguns reais com um longo telefonema... Tiremos um fim-de-semana para viajar a um “encontro de turma”... Escrevamos uma carta – sim, uma carta, não um e-mail; afinal, há sensação melhor do que a de receber uma carta de quem gostamos? Compartilhemos emoções. Declaremos o amor que sentimos! Não sei quando é, mas, certamente, existe um Dia do Amigo... Não esperemos ele chegar... Façam de todos os dias o dia de seu amigo... E tenham milhões de melhores amigos!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Mesmo que as pessoas mudem e suas vidas tomem rumos diferentes, os verdadeiros amigos serão amigos para sempre – ainda que não tenham mais nada em comum, a não ser compartilhar recordações comuns. Afinal, boas lembranças são marcantes – e o que é marcante não se esquece!

O parágrafo anterior é como me recordo de um texto que li recentemente. O autor? Vinícius de Moraes... É uma carta aos seus amigos, na qual pede que lhe façam um favor se ele, Vinícius, morrer antes... Registre apenas o final: “Amizade só faz sentido se traz o céu para mais perto da gente (...). Eu não vou estranhar o céu... Sabe por quê? Porque ser seu amigo já é um pedaço dele!”

Ao ler a carta, ratifiquei o que aprendi ao longo da vida: a amizade é um dos bens mais preciosos que podemos adquirir. A amizade nos permite entender a beleza de ouvir um olhar, a satisfação de ter sem pedir,

Crônicas Pitorescas

A fera

Beirando os setenta anos, o distinto queimava nos eixos se alguém ousasse chamá-lo velho. Robusto, alegre, dava para ser confundindo com um garotão de seus cinquenta e cinco anos. Viúvo pela segunda vez, estava a fim de se amarrar novamente. Morando só em seu apartamento, cansou-se de dar voltinhas pelas bocas da vida e achou por bem sossegar o pito, casando-se. Encontrou uma dona de vinte e cinco anos e gamou. Pedida em casamento, a moça topou a parada. Tendo apenas um filho, que morava em São Paulo, e três netos, dois rapazes, e uma panterinha, para lá rumou com o fito de colocá-los a par de sua resolução.

– O senhor tá ficando louco, pai? – primeira reação do filho.

Não vejo por quê – respondeu o as-sanhadinho.

– Isso aí, vô! Vai fundo! – incentivava um neto.

Negócio é tratar numa boa! – voz do outro neto.

Pai – disse a filha –, acho certo o senhor procurar uma companheira de mais idade. Essa mulher o senhor disse que tem somente vinte e cinco anos. Como é que o senhor vai se arranjar!?

– Você não sabe que fui criado com leite de cabra? Sou mais eu do que muito moleque de vinte anos que anda por aí!

– Vá lá, coroa, tamos lhe dando força, mas vê se não engrossa com vantagem – indignado falou um dos jovens.

– Se não pegasse mal, até que a gente poderia sair por aí, pegar umas gatas e tirar isso a limpo – fez gozação o segundo neto.

– Veja, pai, logo logo acaba esse casamento virando um triângulo amoroso – sutilmente tentava dissuadir o filho.

É... Eu pretendo ser honesto, mas nunca se sabe... – afirmou o casadouro.

– Acho que o senhor não entendeu o

que o papai quis lhe dizer, vô! – intrometeu-se a neta.

– Olha, filhinha, venci na vida porque jamais dei ouvidos pra palpites alheios. Deixa comigo.

A conversa continuou, assim como a obstinação do coroa. Retornou à sua cidade e sem se importar com as opiniões, no dia marcado casou-se mesmo com sua escolhida. Dizem que burro velho gosta de capim novo. Taí o velho pra não desmentir.

Uns sete meses após o casamento, volta à casa do filho, em São Paulo, para deixá-lo a par das novidades. Sua mulher estava grávida.

– Que barato! – quase um coro ensaiado pelo trio de netos.

– Não brinca, pai! – desconsolado exclamou o filho.

– Sério! Minha mulher está esperando um bebê... Você vai ter um irmão ou irmã de um banda só! – e ria satisfeito o velho-moço.

Um tanto atônitos diante do consumado, a conversa acabou tomando outros rumos. Ficando sozinho com o avô num canto, o neto mais velho interessou-se:

– Vô, tem certeza que não pintou nenhum gavião no pedaço?

– Esquece que sou aposentado e faço marcação homem à mulher?

– Bem... Sei lá...

– O que acontece – falou num sussurro, como quem pede apoio -, é que estou numa enrascada!

– Que que houve, vô?

– Comecei uma amizade colorida com a empregadinha que arranjei...

– Puxa, vô! O senhor tá fogo!

– É... Só que eu estava me divertindo e ela levou a coisa a sério.

– Como assim? – quis saber o neto.

– A empregada também está esperando um filho meu!

Dente cariado

Edival da Silva Castro

Já contei esta história mais de mil vezes. Agora resolvi deixá-la registrada.

Tudo começou em Piquete, quando embarquei na Maria Fumaça, na Estação da Estrela, às 8h duma linda manhã de primavera, com destino à cidade de Lorena.

Desci na Ponte Nova e fui para a boca de cano (boca de cano era o condutor dos resíduos despejados no Rio Paraíba do Sul, provenientes do matadouro). Ali se juntavam muitos pescadores, num festival colorido de varas e chapêlos de palha. A preferência deles eram os lambaris, físgados até pelas costas, de tanto que tinha.

Eu costumava pescá-los com anzol “olho de mosquito” e linha de 20 mm, com bóia de cortiça. A cada afundada da bóia um lambari era erguido. Para se ter uma idéia, entre 8h e 14h pescavam-se entre 400 a 500 lambaris.

Eu e alguns amigos de Piquete costumávamos vir ao Paraíba pelo menos três vezes por semana. O lugar onde ficava a boca do cano, por ser bastante freqüentado, era desprovido de mato. O pescador ajeitava-se num assento improvisado e passava horas e horas dando banho na minhoca (como falavam).

Naquele dia, a sorte me sorriu. Já tinha pescado uns trinta lambaris, quando resolvi deixar a vara de espera, tomar um cafezinho no bico de duma garrafa de guaraná e acender um cigarro. Após queimar o Continental, ao tomar posse da vara notei que a bóia estava afundada e a linha pesada. Pensei: só pode ser enrosco. Alguns pescadores que se encontravam por ali já foram falando: – Esse é do grande. E davam risada. Fiquei na minha. Puxava a linha, nada. A vara envergava, e por pouco, muito pouco mesmo, não se quebrou. Aí resolvi puxá-la bem devagar, e comecei a fazer e me afastar da margem. Começou a dar certo. O suposto enrosco vinha emergindo. Eu, de frente para o rio, e andando de costas, continuava puxando a linha devagar, lentamente, quando, de repente, uma enorme cabeça de peixe apareceu físgada no minúsculo anzol. Um senhor que se encontrava do meu lado gritou: – Menino, vou pegar o puçá, você pescou um peixão!

Somente a cabeça do peixe coube no puçá. Era um dourado de tamanho razoável, presumíveis cinco quilos.

Quando fui extrair o anzol da sua boca, notei que o mesmo havia penetrado num dente cariado, e o coitadinho do peixe, talvez de dor, não esboçara reação, por isso não brigara para sobreviver.

Minha sorte foi ter mais quarenta pescadores como testemunha, senão ninguém iria acreditar que o dente do dourado estava cariado.

Yeyé Masiero homenageado em São José dos Campos



Desde o dia 04/09/2008, por meio da Lei Municipal nº 7621/08, Yeyé Masiero dá nome a um Espaço Cultural nas dependências da arena da Praça Ulisses Guimarães, em São José dos Campos. A inauguração da placa denominativa estará acontecendo brevemente.

A FCR, da qual Yeyé foi membro fundador, orgulha-se desse piquetense que sempre lutou pela valorização da cultura em Piquete e no Vale do Paraíba.

Parabéns à família de Yeyé Masiero!

Uma justa homenagem

No dia 15 de outubro, comemora-se o Dia do Professor. Mais do que justa, esta homenagem é também necessária. Afinal, é sempre importante lembrar que a vida da escola depende, fundamentalmente, dos professores. São eles que, com dedicação, esforço e compromissos diários, contribuem para a construção do bem maior do aluno: seu repertório intelectual e cultural.

A comemoração do Dia do Professor teve início em 1930.

Ganhou espaço nos meios de comunicação da época e difundiu-se na sociedade. Foi discutido nas assembleias legislativas e transformado em Lei – estadual paulista em 1948, e federal, por meio do Decreto nº 52.682, de 1963, assinado pelo então presidente da república, João Goulart. A data de 15 de outubro foi escolhida originalmente



por ser a data evocatória de Santa Teresa D'Ávila, conhecida por seu papel de educadora. Essa comemoração, cujo objetivo original foi criar uma oportunidade para que as pessoas expressassem sua gratidão ao seu primeiro mestre, incorporou novos significados, que se sobrepuseram ao inicial, sem, porém, anulá-lo.

O professor é o grande agente do processo educacional; a alma de qualquer instituição de ensino. Por mais que se invista na modernização das escolas e em equipamentos – sem negar a importância de todo o instrumental moderno –, nada de material se compara ao papel e à importância do professor.

Hoje, o 15 de outubro é comemorado principalmente nas escolas de Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino

Fundamental. Observa-se que a data vem, nas últimas décadas, sofrendo um processo de esvaziamento. Faz-se necessário resgatá-la. Afinal, se não fosse a dedicação de um professor, estas linhas não poderiam ter sido escritas e você não as poderia estar lendo

Na foto, diretor e professoras do Grupo Antônio João, na década de 40.

Fundação Christiano Rosa plantando o futuro

O aquecimento global, a destruição acelerada de extensas áreas florestais e a escassez de água são algumas das graves questões ambientais que se apresentam hoje no horizonte. Discutir o atual modelo de desenvolvimento e construir alternativas viáveis são responsabilidades não apenas dos governos, mas de todos os cidadãos.

Diante do grave problema da falta de água potável que se vislumbra em todos os cantos do planeta, a Fundação Christiano Rosa (FCR) vem há mais de uma década colaborando para criar uma consciência ambientalista na comunidade piquetense. Em particular a dos mais jovens. Tem elaborado e executado projetos voltados para o plantio e recuperação de matas ciliares. Essas matas protegem os recursos hídricos e o solo, reduzindo o assoreamento dos rios, permitindo a formação de cor-

redores ecológicos. Além disso, as florestas em crescimento fixam carbono e contribuem para a redução de gases de efeito estufa, responsáveis pelas mudanças climáticas. Apesar de protegidas pela legislação há quase meio século, as matas ciliares não foram poupadas pela degradação desenfreada e expansão das cidades. Em Piquete, as bacias dos ribeirões Limeira, Benfica, Itabaquara e Passa-Quatro merecem atenção especial, no intuito de se recuperar a cobertura vegetal de suas margens.

A Fundação adotou o Limeira e elaborou o projeto “Revegetação das matas ciliares na Microbacia do Ribeirão Limeira” que, concluído, resultará na formação de um corredor ecológico ligando o trecho de Mata Atlântica da IMBEL/FPV, local de suas nascentes, à sua foz, no rio Paraíba do Sul, em Lorena. Nessa fase inicial, foram

plantadas 29 mil mudas de mais de 90 espécies da Mata Atlântica. Com esse trabalho, a Fundação está restaurando paisagens, promovendo a recuperação e conservação de recursos hídricos e espécies ameaçadas. Nos últimos meses, vem acompanhando o desenvolvimento das mudas plantadas. A preservação e a recuperação das matas ciliares, aliadas às práticas de conservação e ao manejo adequado do solo, garantem a proteção de um dos mais preciosos recursos naturais: a água. Segundo o governo estadual paulista, existem milhão de hectares de áreas ciliares que precisam ser recuperadas e reflorestadas. O envolvimento do governo e da sociedade civil nessa empreitada faz-se necessária. A Fundação Christiano Rosa vem cumprindo sua parte.

Fotos arquivo Pro-Memória



Viva a Mãe de Deus e nossa!

Pe. Fabrício Beckmann

No mês de outubro, os católicos do Brasil celebram a festa de sua padroeira principal, a Senhora da Conceição Aparecida. O Pe. José Alves Vilela, vigário de Guaratinguetá de 1725 a 1745, nos livros de registros, narrou os fatos ocorridos em sua paróquia, com as seguintes palavras: “Na segunda quinzena de outubro de 1717, passando por esta Vila de Guaratinguetá para as Minas, o governador delas e de S. Paulo, o conde Assumar, Dom Pedro de Almeida, foram notificados pela Câmara os pescadores para apresentarem todo o peixe que pudessem haver para o dito governador. Entre muitos foram a pescar Domingos M. Garcia, João Alves Filipe Pedroso, em suas canoas. E principiando a lançar suas redes no porto de José Correa Leite, continuaram até o Porto de Itaguaçu, distância bastante, sem tirar peixe algum. E lançando neste porto João Alves a sua rede de arrasto, tirou o corpo da Senhora, sem a cabeça; e lançando mais abaixo outra vez a rede, tirou a cabeça da mesma Senhora, não se sabendo nunca quem ali a lançasse. Guardou o inventor esta imagem em um tal ou qual pano; e continuando a pescaria, não tendo até então tomado peixe algum, dali por diante foi tão copiosa a pescaria em poucos lanços, que receiosos os companheiros de naufragarem pelo muito peixe que tinham nas canoas, se retiraram a suas vivendas, admirados deste sucesso. Filipe Pedroso conservou esta imagem seis anos, pouco mais ou menos, em sua casa, perto a Lourenço de Sá; e passando a Ponte alta, ali a conservou em sua casa, nove anos, pouco mais ou menos. Daqui se passou a morar em Itaguaçu, onde deu a imagem a seu filho Atanásio Pedroso, o qual lhe fez oratório, e em um altar de paus colocou a Senhora, onde todos os sábados se juntava a vizinhança a cantar o terço e mais devoções. Em uma destas ocasiões se apagaram duas luzes de cera da terra repentinamente, que alumiam a senhora, estando a noite serena; e querendo logo Silvana da Rocha acender as luzes apagadas, também se viram acesas, sem intervir diligência alguma; foi este o primeiro prodígio.”

Logo começaram as primeiras romarias e visitas à Imagem surgida do Paraíba. A devoção popular foi aumentando, até que,

em 1931 Nossa Senhora Aparecida foi solenemente proclamada Padroeira do Brasil.

Neste singelo sinal dado ao povo brasileiro nas águas do Rio Paraíba, Deus nos mostra seu amor pelos pequenos e sua solidariedade com os menos favorecidos. A imagem aparecida é um dom para todos os brasileiros, mas sobretudo para os preferidos de Deus, os pobres. A Imagem de Maria é recolhida nas redes de pescadores humildes; explorados e oprimidos pelas exigências dos poderosos, são eles os destinatários das primeiras graças. Ela aparece negra como os africanos trazidos à força para a nossa terra, quebrada como a dignidade dos escravizados, molhada como os negros cativos suados no trabalho braçal das cidades e fazendas do vale do Rio Paraíba.

A imagem que hoje veneramos num grande Santuário Nacional, coberta com um manto de rainha e sustentando na cabeça uma bela coroa doada pela Princesa Isabel, surgiu das águas não como uma Senhora nobre, mas como uma pobre negra de senzala, destituída de honrarias, habitou um altar feito de paus e ali realizou seus maiores sinais, fazendo com que se cumprissem mais uma vez na história as palavras de Jesus, que parecem tão incompreensíveis para nós que vivemos num mundo capitalista: “Felizes de você, os pobres, porque o Reino de Deus lhes pertence” (Lc 6,20).

Talvez Deus tenha dado a Senhora aparecida no Paraíba como padroeira ao povo brasileiro para que este nunca perca a fé nas promessas libertadoras que um dia Maria cantou na casa de sua parenta Isabel e que desde então nunca deixaram de se atualizar na vida dos que esperam e confiam em Deus: “Minha alma proclama a grandeza do Senhor, sua misericórdia chega aos que o temem, de geração em geração; Ele realiza proezas com seu braço, dispersa os soberbos de coração, derruba do trono os poderosos e eleva os humildes; aos famintos enche de bens e despede os ricos de mãos vazias.” O povo brasileiro, marcado por tantas desigualdades sociais, precisa que o cântico de Maria seja sempre atualizado, e nós cristãos, que cremos no projeto de justiça ensinado por Jesus, somos os grandes construtores deste mundo sonhado e cantado pela mãe de Jesus e nossa Mãe.



A língua, o homem e a história

Abigayl Lea da Silva

Um monte de conchas de mariscos e carcaças de peixes revela um pouco da vida de um grupo de seres humanos que se avizinhou do mar. É o sambaqui. É a natureza documentando a presença do homem.

Amostras de cerâmica marajoara e da cerâmica santarêmica (tapajônica) podem indicar traços da cultura dos habitantes do norte do Brasil.

Pinturas rupestres na serra da Capivara, Piauí, ou em Lascaux, França, podem datar a presença humana nestes sítios.

Mas aqui está um homem pendurado em uma corda, copiando desenhos esculpidos no bloco de pedra. Os desenhos têm forma de cunha. Formam três colunas separadas.

Foram dez anos de trabalho. Terminado o esforço físico, vai começar o trabalho intelectual.

Finalmente vem à luz o que significavam aquelas inscrições: a mesma mensagem em três línguas diferentes – o persa antigo, o elamita e o acádio.

Dentro dos templos egípcios, Champollion exulta. À luz das tochas de seus auxiliares, consegue ler todas as inscrições hieroglíficas.

Antes dos livros, inscrições em pedra, madeira, argila, osso, papiro e pergaminho foram desenhando os caminhos do homem no planeta.

Entre as surpresas que o conhecimento colocou diante do homem, importante é a que se refere à língua em suas várias faces.

É certo que, quando quis registrar a língua, o homem usou alfabetos como o grego, o latino e o cirílico, ou ideogramas, como o chinês, o japonês. Mas isto é escrita. É um segundo tempo. É uma representação.

Mas, que é a língua? Existem línguas mais ou menos evoluídas? As línguas dos povos primitivos são um instrumento pobre de comunicação?

O contato com línguas ágrafas (sem escrita) surpreendeu os estudiosos. Quem insistia em aplicar, nos estudos destas línguas, os parâmetros da gramática greco-latina, apropriados às línguas indo-européias (arianas), que são flexionais, era obrigado a parar e refletir. Também apresentavam peculiaridades quando comparadas a línguas de outros troncos, como o hebraico e o turco.

Eram línguas ricas tanto na nomenclatura, como na estrutura. Eram vocabulários especializados e novas categorias gramaticais.

Os línguas que o Padre Vieira tanto pedia ao superior dos jesuítas na Espanha, e, no nosso caso, o padre José de Anchieta, estavam dando início à história do Brasil pré-colombiano.

Se “minha pátria é minha língua”, minha língua é minha história.